

KALÓ MINA

IGREJA ORTODOXA GREGA SÃO NICOLAU

FLORIANÓPOLIS

TRANSFIGURAÇÃO DO SENHOR E DORMIÇÃO DA THEOTOKOS

O grande caminho espiritual de
agosto.

OS PIONEIROS

Cinco histórias da imigração
grega em Santa Catarina

QUANDO UM TALENTO SE TORNA OFERTA

Gabriel e a tradição das
prósforas

ALÉM DA AMBROSIA

O Evangelho e o antigo sonho
da imortalidade

ELOS CAMINHOS DA ORTODOXIA

Uma peregrinação por
Constantinopla, Halki e Monte
Athos

ESPECIAL DE AGOSTO

Pais segundo o coração de Deus.

Entre o Logos e a Philoxenia. Tradição que se abre ao mundo

KALO MINA



● EXPEDIENTE

EDITOR

Mons. André Sperandio

WHATSAPP

(48) 3012 1340

REDES SOCIAIS

 facebook.com/paroquiasaonicolau

 instagram.com/igrejaanicolau

E-MAIL

info@igrejaanicolau.org

WEB

www.igrejaanicolau.org

ENDEREÇO

Rua Tenente Silveira, 494
CEP 88010-301 – Centro
FLORIANÓPOLIS – SC (Brasil)

Sacra Arquidiocese de

● Buenos Aires e América
do Sul

S.E.R. Dom Iosif

Arcebispo Metropolitano de Buenos
Aires, Primaz e Exarca da América
do Sul

Bispos auxiliares no Brasil:

S.E.R. Dom Irineo de Tropaion
S.E.R. Dom Meletio de Zela



DIVINA LITURGIA

Aos Domingos, às 10h00, precedida de
Orthros (Ofício de Matinas) às 09h00.

Nesta Edição:

05 CALENDÁRIO LITÚRGICO

O caminho espiritual do mês e as principais celebrações.



06 MEMÓRIA E COMUNHÃO

Aniversários, onomásticos e memórias que unem nossa comunidade.



14 VIDA ECLESIAL

Celebrações, encontros e acontecimentos de nossas comunidades.



26 OS PIONEIROS

Personagens e memórias da presença grega em Santa Catarina.



24 FILÓPTOKOS

Serviço, caridade e cuidado fraterno em ação.



38 CONTOS DE KASTELLÓRIZO

Histórias, tradições e lembranças da terra de nossos antepassados.



41 RECEITAS DO KALIMERA

Sabores da tradição helênica transmitidos entre gerações.



43 ENTRELINHAS

Reflexões, curiosidades e pequenas histórias para pensar.



UMA TRADIÇÃO QUE PERMANECE VIVA

Caríssimos leitores,

Há quem imagine a tradição como algo pertencente ao passado, preservado apenas nos livros, nos museus ou nas recordações de tempos antigos.

A experiência da Igreja, porém, ensina exatamente o contrário. A verdadeira Tradição permanece viva porque continua sendo recebida, vivida e transmitida por pessoas concretas, em cada geração.

É justamente esse caminho que percorremos nesta edição do *Kaló Mina*.

Agosto convida-nos, antes de tudo, a elevar os olhos para o alto. Na luminosa festa da **Transfiguração do Senhor**, contemplamos, no **Monte Tabor, a glória divina manifestada em Cristo**. Poucos dias depois, na **Dormição da Santíssima Theotokos**, essa mesma esperança resplandece na Mãe de Deus, primeira entre os redimidos, sinal da promessa reservada a toda a humanidade reconciliada com Deus.

Mas a fé da Igreja não permanece apenas na liturgia. Ela continua viva na vida das famílias, na missão dos **pais** que transmitem aos filhos o dom da fé, na dedicação silenciosa de quem prepara as **prósforas** para a Divina Liturgia, nas obras de misericórdia realizadas pelas **Filóptohos**, na comunhão construída em cada celebração e em cada encontro de nossas comunidades.

Ela permanece viva também na memória e na cultura. As páginas dedicadas aos **pioneiros da imigração grega**, à reconstrução de nossa **árvore genealógica**, às narrativas da tradição helênica e até às **receitas** transmitidas entre gerações recordam que a identidade de um povo não se conserva apenas nos grandes acontecimentos, mas também nas histórias de família, na mesa compartilhada, na língua, na fé e nos gestos cotidianos que atravessam o tempo.

Mesmo quando voltamos nosso olhar para a Grécia antiga, na reflexão sobre a **ambrosia**, percebemos que o Evangelho não destrói as antigas buscas da humanidade; antes, leva-as à sua plenitude em Cristo, que Se oferece como o verdadeiro alimento da Vida.

Assim, cada página desta revista recorda que a herança recebida não existe para ser simplesmente conservada, mas para ser compartilhada. A Tradição da Igreja não é um tesouro fechado, mas um dom que se renova sempre que alguém aprende, celebra, serve, ensina, recorda ou transmite.

Que esta edição nos ajude a reconhecer, com gratidão, tudo o que recebemos daqueles que nos precederam e nos inspire a entregar às futuras gerações uma herança ainda mais rica: uma fé celebrada com alegria, uma memória preservada com cuidado e uma comunidade que continua testemunhando, em nosso tempo, a beleza do Evangelho.

KALÓ MÍNA!

Mons. André Sperandio

Pároco-reitor



Calendário Litúrgico



O Ano Litúrgico e a beleza do tempo sagrado



✠ VOCÊ SABIA?

Por que a Transfiguração é celebrada antes da Dormição da Theotokos?

Na tradição da Igreja, essas duas grandes festas formam um único caminho espiritual. Na Transfiguração, Cristo revela a glória da natureza humana unida à divindade. Na Dormição, contemplamos essa promessa realizada na Santíssima Theotokos, a primeira entre os redimidos. Assim, agosto proclama uma única esperança: somos chamados não apenas a contemplar a luz divina, mas a participar dela pela graça.

CHAMADOS À TRANSFIGURAÇÃO A LUZ DE CRISTO ILUMINA O CAMINHO DA IGREJA

Agosto ocupa um lugar singular no Ano Litúrgico. A Igreja inicia o mês sob o Jejum da Dormição, tempo de oração, conversão e confiança na intercessão da Santíssima Theotokos. No coração desse caminho resplandece a Transfiguração do Senhor, quando Cristo manifesta aos discípulos a glória divina que habita em sua humanidade.

Durante esse período, os fiéis são convidados a intensificar a vida espiritual por meio da oração, do jejum e das súplicas dirigidas à Mãe de Deus nas celebrações da Paráklesis. Acompanhados por sua intercessão materna, aprendemos que a verdadeira transformação começa no coração e se manifesta em uma vida de comunhão com Cristo e de serviço ao próximo.

Poucos dias depois, celebramos a Dormição da Mãe de Deus, festa que proclama a vitória da vida sobre a morte e antecipa a esperança reservada a todos os que permanecem unidos a Cristo.

O mês conclui-se contemplando o testemunho do Santo Profeta, Precursor e Batista João, cuja fidelidade até o martírio recorda que a verdadeira glória passa sempre pela obediência à vontade de Deus.

Assim, agosto conduz os fiéis da contemplação da luz do Tabor ao testemunho corajoso dos santos, preparando cada cristão para viver, desde agora, a vida nova inaugurada por Cristo.

DOMINGOS LITÚRGICOS

- **Dia 2 → 9º Domingo de Mateus** (Ap.: 1Cor 3,9-17 | Ev.: Mt 14,22-34)
- **Dia 9 → 10º Domingo de Mateus** (Ap.: 1Cor 4,9-16 | Ev.: Mt 17,14-23)
- **Dia 16 → 11º Domingo de Mateus** (Ap.: 1Cor 9,2-12 | Ev.: Mt 18,23-35)
- **Dia 23 → 12º Domingo de Mateus** (Ap.: 1Cor 15,1-11 | Ev.: Mt 19,16-26)
- **Dia 30 → 13º Domingo de Mateus** (Ap.: 1Cor 16,13-24 | Ev.: Mt 21,33-42)

FESTAS E MEMÓRIAS

- Dia 1** → Santos Sete Irmãos Macabeus, Solomônia e Eleazar
- Dia 6** → Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo
- Dia 7** → Pós-festa da Transfiguração
- Dia 15** → Dormição da Santíssima Theotokos
- Dia 21** → Santo Apóstolo Tadeu
- Dia 25** → Trasladação do corpo do Santo Apóstolo Bartolomeu
- Dia 23** → Apódosis da Dormição e Santo Hieromártir Irineo, Bispo de Lyon
- Dia 29** → Decapitação do Santo e Glorioso Profeta, Precursor e Batista João
- Dia 31** → Deposição da Honrosa Cíngula da Santíssima Theotokos

LINHA DO TEMPO ESPIRITUAL DE AGOSTO

- ✠ **Dia 6** → Transfiguração do Senhor
- ✠ **De 6-13** → Pós-festa da Transfiguração
- ✠ **Dia 15** → Dormição da Santíssima Theotokos
- ✠ **Dia 29** → Martírio de São João Batista
- ✠ **Dia 31** → Deposição da Cíngula da Theotokos



Memória e Comunhão



Aniversários e onomásticos e outras memórias deste mês.

REGISTROS VIVOS DA NOSSA COMUNIDADE

DATAS MARCANTES QUE NOS UNEM EM AÇÃO DE GRAÇAS



ANIVERSÁRIOS

- Dia 1 → Laíza Helena Ramthum Baptista Cattoni
- Dia 2 → Rodrigo Manoel
- Dia 3 → Evangelia Kotzias Correa
- Dia 5 → Paul Eipper
- Dia 7 → Jorge Nicolacopulos
- Dia 9 → Alice (Evdoquia)
- Dia 10 → Elisa Jasmin Villamayor de Oliveira • Natália Hawerth Hoepers Aguiar
- Dia 12 → Betina Kotzias • Pedro Atherino Neves Fernandes
- Dia 14 → Jorge Tsilfidis
- Dia 18 → Alice (Sophia) Pavinato Moretto
- Dia 20 → Kátia Cardoso Dimatos • Miguel Anastácio Kotzias Filho • Pedro (Gabriel) Bavaresco Correia
- Dia 21 → Ana Luiza Schneider Zupan • João Batista (Nilson)
- Dia 24 → Lucas de Faria José
- Dia 26 → Fabrício Medeiros
- Dia 27 → Leonardo
- Dia 28 → Dom Irineo de Tropaion • Diogo Nicolau Pítsica • Diogo Pítsica
- Dia 31 → Pedro Henrique

✠ ONOMÁSTICOS

PRINCIPAIS NOMES COMEMORADOS EM JULHO

- Dia 6 → Sotírios • Sotíria
- Dia 15 → Maria • Dés pina • Panagiótis • Panagióta • Sumela
- Dia 16 → Serafim • Apóstolos
- Dia 23 → Irineu, Irineo
- Dia 25 → Bartolomeu
- Dia 27 → Fanúrios

Que a memória dos santos inspire todos os que trazem seus nomes a uma vida de fé, perseverança e testemunho cristão. E, que Deus conceda a todos os aniversariantes e aos que celebram seu onomástico muitos anos de vida, saúde, paz e perseverança na fé.

POR QUE CELEBRAMOS O ONOMÁSTICO?

Receber o nome de um santo significa ser colocado sob sua proteção e inspiração. Por isso, a tradição ortodoxa celebra o dia do santo padroeiro como ocasião especial de ação de graças e renovação espiritual.



MEMÓRIA – MN'HMH

NESTE MÊS, RECORDAMOS:

- 15 de agosto de 2006 → Adormecimento de **Georges Soziopoulos**.
- 17 de agosto de 1997 → Lançamento do **Kalimera**.
- 19 de agosto de 2012 → Consagração episcopal de **Dom Iosif Bosch**.
- 23 de agosto de 2019 → Adormecimento de Dr. **Georges Chryssovergis**.
- 30 de agosto de 1995 → Adormecimento do Sr. **Icônomos Atherino**.

✠ NESTE MÊS CELEBRAMOS

- 6 de agosto → **Transfiguração do Senhor**
- 15 de agosto → **Dormição da Santíssima Theotokos**
- 29 de agosto → **Decapitação do Santo Profeta, Precursor e Batista João**



Mistério Celebrado

A fé da Igreja
celebrada e vividaCOM A THEOTOKOS,
A CAMINHO DA VIDAO JEJUM DA DORMIÇÃO COMO
ITINERÁRIO DE ORAÇÃO, CONVERSÃO E
ESPERANÇA PASCAL

Entre os dias 1º e 14 de agosto, a Igreja Ortodoxa convida seus fiéis a percorrer um breve, mas intenso caminho de preparação para a grande festa da **Dormição da Santíssima Theotokos**, celebrada em 15 de agosto. São duas semanas marcadas pelo jejum, pela oração perseverante, pelas **Paráklesis** e pela luminosa festa da **Transfiguração do Senhor**, celebrada no coração desse itinerário espiritual.

À primeira vista, alguém poderia perguntar: por que jejuar antes de uma festa tão cheia de alegria e esperança? Não celebra a Dormição a passagem da Mãe de Deus para a Vida? A resposta encontra-se no próprio sentido do jejum cristão. A Igreja não jejuar porque despreza a criação, nem porque deseja entristecer seus filhos. Jejuamos para recuperar a liberdade interior, ordenar nossos desejos e abrir espaço para que a Palavra de Deus volte a ressoar em nosso coração. O verdadeiro jejum recorda-nos que o ser humano não vive apenas do alimento que sustenta o corpo, mas da comunhão com Deus, fonte da verdadeira Vida.

Durante esses quatorze dias, a Igreja não nos convida apenas a recordar os últimos momentos da existência terrena da Theotokos. Ela nos ensina, seguindo seu exemplo, a colocar toda a nossa vida nas mãos de Cristo.

O Jejum da Dormição é, antes de tudo, um caminho percorrido com a **Mãe de Deus**, aprendendo dela o silêncio, a confiança, a escuta e a disponibilidade para acolher a vontade divina.

**Não jejuamos “para
Maria”, mas com a
Theotokos**

A espiritualidade mariana da Igreja Ortodoxa é inteiramente cristocêntrica. A Theotokos jamais ocupa o lugar de Cristo; toda a sua existência aponta para Ele. Sua grandeza não nasce de privilégios próprios, mas de sua resposta livre ao chamado de Deus: **“Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo tua palavra”** (Lc 1,38).

Desde a Anunciação, sua vida tornou-se uma contínua oferta. Ela acolheu o Verbo em seu seio, guardou sua Palavra no coração, permaneceu fiel junto à Cruz e perseverou em oração com os Apóstolos após a Ascensão. Por isso, jejuar com a Theotokos significa aprender seu modo de estar diante de Deus: com humildade, obediência e confiança.



Mistério Celebrado



A fé da Igreja
celebrada e vivida

A verdadeira devoção à Mãe de Deus nunca termina nela mesma. Como nas bodas de Caná, continua indicando o caminho da Igreja com as mesmas palavras: *"Fazei tudo o que Ele vos disser"* (Jo 2,5). Todo amor autêntico à Theotokos conduz inevitavelmente ao encontro com seu Filho.

Durante o Jejum da Dormição, esse caminho é sustentado pelas celebrações das **Paráklesis**, os belos ofícios de súplica dirigidos à Mãe de Deus. Neles, a Igreja apresenta as dores, enfermidades, angústias e esperanças de seus filhos, confiando que sua intercessão materna sempre nos conduz a Cristo. Não rezamos apenas por nossas necessidades particulares, mas carregamos diante de Deus as dores da Igreja e do mundo inteiro.

Iluminados pela luz do Tabor

No centro desse percurso resplandece a festa da **Transfiguração do Senhor**. No monte Tabor, Cristo manifesta aos discípulos a glória divina que permanecia velada sob sua humanidade. Essa luz não interrompe o Jejum da Dormição; ao contrário, revela sua finalidade. Jejuamos não para empobrecer a vida, mas para permitir que nossa humanidade seja purificada e iluminada pela graça.

Também a bênção dos primeiros frutos, tradicionalmente realizada nessa festa, recorda que toda a criação é chamada à transfiguração. Nada do que Deus criou está destinado à destruição definitiva; tudo é chamado a participar da renovação inaugurada por Cristo.

O verdadeiro jejum, porém, não se limita à mesa. Ele alcança a palavra, os pensamentos e as relações. Torna-nos mais atentos ao próximo, mais misericordiosos, mais generosos e mais disponíveis para servir. A abstinência que não se transforma em amor permanece incompleta.

Às portas da Dormição

Depois de quatorze dias de oração e vigília, a Igreja aproxima-se da festa da Dormição não com tristeza, mas com esperança.

À luz da Ressurreição de Cristo, o leito da Theotokos torna-se anúncio da Vida, e seu sepulcro proclama que a morte já não possui a última palavra.

Na Mãe de Deus contemplamos aquilo que a graça de Cristo deseja realizar em todos os que escutam sua Palavra e a guardam. Sua Dormição não é apenas a memória de um acontecimento do passado; é uma promessa para toda a humanidade redimida.

Por isso, o jejum alcança sua verdadeira finalidade quando chegamos à festa com um coração mais livre, reconciliado e disponível para Deus. Caminhamos com a Theotokos porque desejamos aprender sua confiança; rezamos com ela porque necessitamos de sua intercessão; jejuamos porque ainda carregamos dentro de nós tudo o que precisa morrer para que Cristo viva plenamente em nós.

Às portas da Dormição, a Igreja eleva seu canto de esperança:

Assim, iluminados pela luz do Tabor e sustentados pela intercessão da Santíssima Theotokos, avançamos com confiança para a festa da Dormição, certos de que, em Cristo, a vida venceu a morte e a esperança jamais será confundida.

Em tua maternidade conservaste a virgindade e, em tua Dormição, não abandonaste o mundo, ó Theotokos. Foste trasladada para a Vida, tu que és a Mãe da Vida, e por tuas orações livras da morte as nossas almas.



Vivendo a Ortodoxia



Pequenas luzes para quem começa a trilhar o caminho da fé ortodoxa

COM A THEOTOKOS, PREPAREMOS O CORAÇÃO

VIVENDO O JEJUM DA DORMIÇÃO

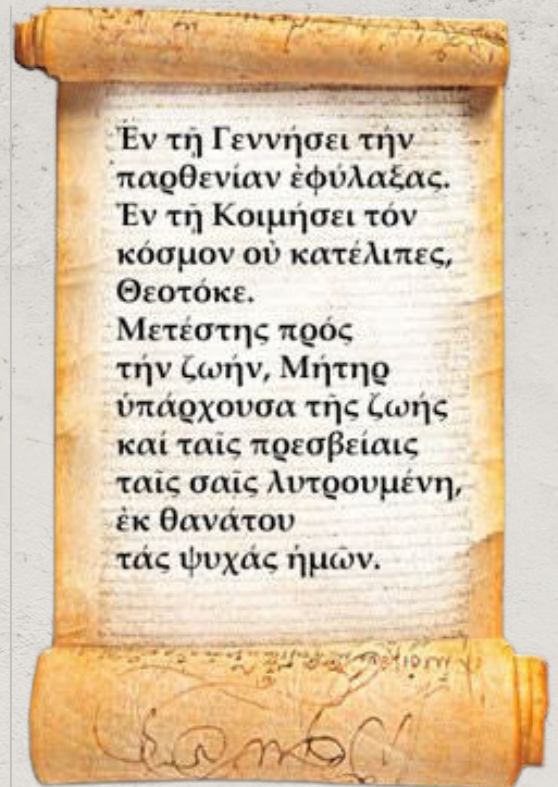
Entre os dias 1º e 14 de agosto, a Igreja convida-nos a percorrer um breve caminho de preparação para a grande festa da **Dormição da Santíssima Theotokos**. São apenas duas semanas, mas suficientemente intensas para nos recordar que a vida cristã cresce quando abrimos espaço para Deus.

O jejum ocupa um lugar importante nesse itinerário. Entretanto, sua finalidade não é simplesmente modificar a alimentação, mas renovar o coração. Ao aprendermos a renunciar livremente a algumas coisas, descobrimos que nem sempre somos tão livres quanto imaginamos. O jejum torna-se, então, uma escola de liberdade, ajudando-nos a recolocar Cristo no centro da vida.

A Igreja também nos convida a intensificar a oração. Alguns dedicarão mais tempo à leitura do Evangelho; outros rezarão com maior frequência a Oração de Jesus ou acrescentarão o tropário da **Dormição** às orações diárias. O importante não é multiplicar práticas, mas cultivar a perseverança. Uma pequena regra vivida com fidelidade vale mais do que muitos propósitos que logo se abandonam.

Esse tempo favorece igualmente a reconciliação. É ocasião para rever atitudes, pedir perdão, abandonar ressentimentos e exercitar a misericórdia. O jejum alcança sua plenitude quando transforma também nossa maneira de falar, de julgar e de tratar aqueles que convivem conosco.

No centro desses dias encontra-se a **Transfiguração do Senhor**, celebrada em 6 de agosto. A luz do Tabor recorda-nos que todo esforço ascético possui um único objetivo: permitir que nossa humanidade seja iluminada e transformada pela graça de Cristo. Não jejuamos para tornar a vida mais pesada, mas para prepararmo-nos para a alegria do Reino.



Poucos dias depois, celebramos a Dormição da Santíssima Theotokos. Na Mãe de Deus contemplamos a criatura que respondeu plenamente ao chamado divino e confiou sua vida ao Senhor. Caminhar com ela significa aprender sua humildade, seu silêncio e sua confiança. Por isso, a verdadeira devoção à Theotokos conduz sempre ao encontro com Cristo e nos ajuda a preparar o coração para celebrar a vitória da Vida sobre a morte.

PARA GUARDAR:

“O jejum alcança sua verdadeira finalidade quando chegamos à festa com o coração mais livre, reconciliado e disponível para Deus.



PAIS SEGUNDO O CORAÇÃO DE DEUS

A PATERNIDADE QUE GERA, PROTEGE E CONDUZ À VIDA

No Brasil, agosto é tradicionalmente dedicado aos pais. Mais do que uma data comemorativa, é uma oportunidade para agradecer a Deus por aqueles que receberam a missão de transmitir a vida, educar os filhos e ajudá-los a crescer na fé e na esperança.

A Sagrada Escritura apresenta o pai como aquele que protege, orienta, corrige com amor e conduz sua família ao conhecimento de Deus. Em um tempo de tantas incertezas, sua presença continua sendo um dom precioso, capaz de oferecer segurança, equilíbrio e esperança às novas gerações.

A tradição da Igreja Ortodoxa contempla ainda uma dimensão mais profunda da paternidade: a paternidade espiritual. Desde os primeiros séculos, os cristãos passaram a chamar de abba — "pai" — os monges e pastores que conduziam outros no caminho da vida em Cristo. Quando chamamos um sacerdote de Padre, reconhecemos essa missão de cuidar do povo de Deus com amor, zelo e responsabilidade.

Essa paternidade manifesta-se diariamente no acolhimento das famílias, no Batismo, nas Confissões, na celebração da Divina Liturgia, na visita aos enfermos, no consolo dos aflitos e no acompanhamento daqueles que procuram orientação espiritual. Grande parte desse serviço permanece invisível aos olhos da comunidade.

Em seu testemunho, o Arquimandrita Gerasimos Fragoulakis recorda que muitos conhecem o sacerdote apenas durante os ofícios, mas ignoram o peso silencioso de sua missão: as preocupações pelas famílias, as horas dedicadas à oração, às visitas e ao cuidado das almas. Como escreve, "o sacerdócio não é um trabalho. É uma cruz, uma responsabilidade e uma vocação."

A Igreja, porém, não separa essas duas formas de paternidade. O pai cristão é o primeiro educador da fé no lar; o sacerdote acompanha e fortalece essa caminhada na vida da comunidade. Ambos participam, cada um segundo sua vocação, da única paternidade que tem sua origem no próprio Deus.



Cristo revelou que a verdadeira autoridade nasce do serviço. Ele acolheu as crianças, consolou os que sofriam e entregou-Se pela salvação do mundo. Todo pai e todo sacerdote encontram nesse exemplo o modelo de sua missão: amar antes de exigir, servir antes de mandar e conduzir pelo testemunho.

Neste mês de agosto, rendemos graças a Deus por todos os pais e por todos aqueles que exercem a paternidade espiritual em nossas comunidades. Rezemos para que o Senhor os fortaleça em sua vocação de transmitir a fé, sustentar a esperança e conduzir outros ao encontro de Cristo.

"O verdadeiro amor é suportar a dor do outro como se fosse sua."

(Metropolita Antônio de Surozh)



ALÉM DA AMBROSIA

O DESEJO DE IMORTALIDADE ENTRE O OLIMPO, O TABOR E A DORMIÇÃO

Desde os tempos mais antigos, o ser humano procura uma resposta para o envelhecimento, a corrupção e a morte. Na imaginação religiosa dos gregos, a ambrosia pertencia aos deuses imortais. No Evangelho, porém, a vida incorruptível não provém de uma substância reservada aos habitantes do Olimpo: é dom de Deus, manifestado em Cristo e comunicado ao ser humano pela graça.

No imaginário da Grécia antiga, os deuses do Olimpo alimentavam-se de ambrosia e bebiam néctar. A própria palavra grega *ambrosia* (ἀμβροσία) deriva de *ámbrotos*, “imortal”, em oposição a *brotós*, “mortal”. Desde sua origem, designava aquilo que não está sujeito à morte.

A ambrosia não era apenas alimento. Os antigos também a descreviam como unguento capaz de preservar um corpo da corrupção. Na *Iliada*, Tétis unge o corpo de Pátroclo com ambrosia e néctar para retardar sua decomposição, mas nem mesmo essa substância divina consegue restituir-lhe a vida. No Hino Homérico a Deméter, a deusa procura tornar Demofonte imortal, porém o ritual é interrompido antes de alcançar seu objetivo. Em ambos os relatos permanece o mesmo limite: entre deuses e homens existe uma distância que o mito reconhece, mas não consegue superar.

Essas narrativas revelam uma aspiração profundamente humana. Desde sempre, o homem procura conservar a juventude, vencer a corrupção e escapar ao poder da morte. Os gregos deram forma poética a esse desejo, mas também reconheceram seus limites. A ambrosia pode preservar um corpo, restaurar forças ou distinguir os deuses dos mortais; não derrota, porém, a própria morte. É precisamente nesse ponto que o Evangelho introduz uma novidade radical.

Na **festa da Transfiguração, celebrada em 6 de agosto**, Cristo sobe ao monte com Pedro, Tiago e João. Diante deles, seu rosto resplandece como o sol e suas vestes tornam-se brancas como a luz. Moisés e Elias aparecem ao seu lado, enquanto a voz do Pai proclama: *"Este é o meu Filho amado, em quem pus toda a minha complacência. Escutai-O!"* (Mt 17,5).

Cristo não recebe naquele momento uma glória que antes não possuía. Sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem, manifesta aos discípulos, na medida em que podiam contemplá-la, a glória divina que permanecia velada sob sua humanidade. A luz do Tabor não vem do exterior; irradia do próprio Cristo.



Ecos do Olimpo

Aqui aparece a diferença decisiva em relação ao imaginário antigo. No Olimpo, a imortalidade distingue e separa os deuses dos mortais. No Tabor, a glória divina manifesta-se na humanidade de Cristo e revela o destino para o qual o próprio ser humano foi criado. A salvação não consiste em abandonar a condição humana, mas em vê-la curada, iluminada e transfigurada pela graça.

Nove dias depois da Transfiguração, a Igreja celebra a **Dormição da Santíssima Theotokos**. Também aqui não encontramos uma fuga mitológica da morte. A Virgem Maria chega verdadeiramente ao termo de sua existência terrena. Seu corpo é colocado no sepulcro, mas a tradição litúrgica proclama que o túmulo não pôde retê-la.

O tropário da festa canta:

"No parto conservaste a virgindade e, em tua Dormição, não abandonaste o mundo, ó Theotokos. Foste trasladada para a Vida, tu que és a Mãe da Vida, e por tuas orações livras da morte as nossas almas."

A Theotokos não possui em si mesma uma imortalidade semelhante à dos deuses antigos. Tudo o que recebe provém de seu Filho. O ícone da Dormição exprime esse mistério com extraordinária delicadeza: aquela que um dia sustentou nos braços o Verbo feito homem é agora acolhida por Ele na plenitude da Vida. Seu destino não a afasta da humanidade; ao contrário, manifesta antecipadamente aquilo que Cristo promete a todos os que vivem unidos a Ele.

A antiga **ambrosia** permanecia reservada à mesa dos deuses. O Evangelho anuncia algo incomparavelmente maior: **Deus veio sentar-Se à mesa dos homens**. Em Cristo, Deus assume nossa natureza, entra em nossa história e partilha até mesmo nossa morte para nos tornar participantes de sua vida.

Por isso, a resposta cristã ao desejo humano de imortalidade não é uma substância, mas uma Pessoa.



Mitos, símbolos e sabedoria da Grécia antiga

O próprio Cristo declara: *"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá"* (Jo II,25).

Na Divina Eucaristia, Cristo não oferece apenas um alimento sagrado; oferece-Se a Si mesmo. A vida incorruptível é recebida como comunhão com Aquele que morreu e ressuscitou. A tradição ortodoxa denomina *theosis*, ou deificação, essa participação do ser humano, pela graça, na vida divina. Deus permanece Deus por natureza; o homem permanece criatura. Entretanto, unido a Cristo, é chamado a participar da luz, da santidade e da vida do próprio Deus.

O mito preservou a pergunta; o Evangelho revelou a resposta. A ambrosia permanecia reservada aos deuses do Olimpo. Em Cristo, porém, Deus oferece aos mortais a comunhão com a própria Vida. A incorruptibilidade deixa de ser privilégio de seres superiores e torna-se dom da graça.



A luz do Tabor, a Dormição da Theotokos e a Divina Eucaristia proclamam uma única esperança: **fomos criados não para prolongar indefinidamente esta existência, mas para participar da Vida eterna em Cristo**. Aquilo que os antigos imaginaram sob a forma da ambrosia, o Evangelho anuncia como **comunhão**. A vida incorruptível não é conquistada pelo esforço humano nem roubada do Olimpo: é recebida de Deus, que Se fez homem para que o homem pudesse participar de sua Vida.



Palavras da Tradição



Um glossário com a linguagem da nossa Fé Ortodoxa

PALAVRAS QUE NOS CONDUZEM DA LUZ À VIDA

Um glossário para compreender o caminho litúrgico de agosto

1. ΜΕΤΑΜΟΡΦΩΣΙΣ (METAMÓRPHOSIS) — TRANSFIGURAÇÃO

Literalmente, “mudança de forma” ou “transformação”. No Tabor, Cristo não recebe uma glória que antes não possuía, mas manifesta aos discípulos a luz de sua divindade.

2. ΦΩΣ (FOS) — LUZ

Na tradição ortodoxa, a luz do Tabor é manifestação da glória divina. Não é simples claridade material, mas sinal da presença e da graça incriada de Deus.

3. ΝΗΣΤΕΙΑ (NISTEÍA) — JEJUM

Significa abstinência, mas, na vida da Igreja, não se limita aos alimentos. É exercício de liberdade, vigilância sobre as paixões, intensificação da oração e prática da misericórdia.

4. ΠΑΡΑΚΛΗΣΙΣ (PARÁKLESIS) — SÚPLICA E CONSOLAÇÃO

Palavra que pode expressar pedido, encorajamento e consolo. Designa também os ofícios de súplica à Santíssima Theotokos, especialmente celebrados durante o Jejum da Dormição.

5. ΘΕΟΤΟΚΟΣ (THEOTÓKOS) — THEOTOKOS

Literalmente, “Aquele que deu à luz Deus”. O título proclama que Aquele que nasceu da Virgem é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. Por isso, é antes de tudo uma afirmação cristológica.

6. ΖΩΗ (ZOÍ) — VIDA

Mais do que existência biológica, designa a vida plena que procede de Deus. Cristo é a Vida, e a Dormição da Theotokos anuncia o destino pascal da humanidade redimida.

7. ΑΒΒΑ (ΑΒΒΑ)

Palavra de origem aramaica que significa “pai”. Era a forma carinhosa e respeitosa com que os filhos se dirigiam ao pai e foi preservada no Novo Testamento, inclusive na oração de Jesus ao Pai (Mc 14,36). Na tradição monástica cristã, passou a designar os mestres espirituais, homens de reconhecida experiência na vida de oração, cuja sabedoria orientava os discípulos no caminho do Evangelho. Dessa antiga tradição deriva também o costume de chamar os sacerdotes de Padre, reconhecendo neles uma missão de paternidade espiritual exercida no serviço, na oração e no cuidado pastoral.

8. ΠΡΟΣΦΟΡΑ (ΠΡΟΣΦΟΡΑ — PROSPHORÁ)

Palavra grega que significa “oferta”. É o pão preparado especialmente para a celebração da Divina Liturgia, do qual o sacerdote retira o Cordeiro e as demais partículas durante a Proskomídia, em memória da Santíssima Theotokos, dos santos, dos vivos e dos falecidos. Desde os primeiros séculos do cristianismo, a prósfora simboliza a oferta da comunidade a Deus: fruto da terra e do trabalho humano, que, pela ação do Espírito Santo, será consagrado e se tornará alimento de vida eterna. Em nossa tradição, sua preparação é considerada um belo ministério de serviço e oração.

9. ΚΟΙΜΗΣΙΣ (ΚΟΪΜΙΣΙΣ) — DORMIÇÃO

Significa “adormecimento”. A Igreja utiliza essa palavra para falar da morte à luz da Ressurreição de Cristo: para os que estão unidos a Ele, a morte não é o fim, mas passagem para a Vida.

10. ΜΕΤΑΣΤΑΣΙΣ (ΜΕΤÁΣΤΑΣΙΣ) — TRASLADAÇÃO OU PASSAGEM

Indica mudança de estado, transferência ou passagem. Na hinografia da Dormição, expressa a entrada da Theotokos na plenitude da Vida junto de seu Filho.



Vida Eclesial



A Comunidade em Movimento



Domingo, 5 de Julho de 2026 V Domingo de São Mateus *Cristo vai ao encontro de quem todos abandonaram*

No V Domingo de São Mateus, 5 de julho, a comunidade reuniu-se para o **Ofício de Matinas**, seguido da **Divina Liturgia**. Antes do início das celebrações, o jovem **Gabriel** foi investido no **ministério de acólito**, recebendo a bênção de Mons. André para servir junto ao Santuário.

Na homilia, Mons. André meditou sobre o Evangelho dos **dois posses da terra dos gadarenos** (Mt 8,28-34), destacando que Cristo atravessa o lago para ir ao encontro daqueles que todos evitavam. Enquanto o mundo abandona e exclui, o Senhor aproxima-se, liberta e restitui a dignidade dos filhos de Deus. O Evangelho recorda que também hoje Cristo deseja entrar nos "cemitérios" do coração humano, iluminando nossas feridas, vencendo o mal e restaurando em cada pessoa a alegria da comunhão com Deus.





Sábado e domingo, 11 e 12 de Julho de 2026

Nossa comunidade paroquial viveu um fim de semana especialmente festivo, marcado pela celebração do Santo Matrimônio, pela recepção de um novo membro na Igreja Ortodoxa, pela Divina Liturgia do VI Domingo de Mateus e por um alegre almoço comunitário.

Sábado, 11 Julho de 2026

Santo Matrimônio de NICOLI E THIAGO

No sábado, 11 de julho, nossa igreja recebeu Nicolí e Thiago, de nossa Comunidade Missionária São Nectários, para a celebração do Santo Mistério do Matrimônio. Vindos de Jaraguá do Sul, no norte de Santa Catarina, os noivos estiveram acompanhados por familiares e amigos, que vieram compartilhar com eles esse importante momento de suas vidas.

Nem mesmo a chuva, que insistiu em permanecer durante todo o dia, conseguiu diminuir o brilho da festa. Em uma cerimônia revestida de simplicidade, beleza e solenidade, Nicolí e Thiago receberam a bênção da Igreja para iniciarem juntos a vida matrimonial.

A celebração foi presidida pelo Pe. André, assistido pelos leitores Marcelo, Josef e Êntoni. Irmão da noiva e um dos leitores de nossa paróquia, Êntoni também contribuiu com seu canto, tornando a cerimônia ainda mais especial.

Rogamos ao Senhor que abençoe a união de Nicolí e Thiago, concedendo-lhes amor, fidelidade, concórdia e muitos anos de vida em comum. Que seu novo lar seja sempre fortalecido pela fé e iluminado pela presença de Cristo.





Domingo, 12 de Julho de 2026

Recepção de JEVERTON na Santa Igreja Ortodoxa

Na manhã do domingo, 12 de julho, antes do início do Ofício do *Orthros*, **Jeverton** foi recebido na Santa Igreja Ortodoxa após a **Profissão de Fé**, pela qual confessou e abraçou a fé una, santa, católica e apostólica, transmitida pelos santos Apóstolos e preservada pela Igreja Ortodoxa ao longo dos séculos. Em seguida, recebeu a **Unção Crismal**.

Como cristão ortodoxo, recebeu o nome de **Paísios**, justamente no dia em que a Igreja celebra a memória de **São Paísios, o Athonita**. Passa, assim, a trilhar seu caminho espiritual sob a proteção e inspirado pelo exemplo desse grande santo.

Seu padrinho, **Joseph Konrad**, acompanhou-o nesse momento de profundo significado espiritual e alegria para toda a comunidade.

Rogamos ao Senhor que fortaleça Seu servo, nosso irmão **Paísios**, em sua caminhada na fé, concedendo-lhe muitos anos de vida, perseverança e constante crescimento na vida em Cristo.

MUITOS ANOS!



Domingo, 12 de Julho de 2026

VI Domingo de São Mateus

Cristo cura o homem por inteiro

A comunidade reuniu-se para o Ofício de Matinas, seguido da Divina Liturgia.

Na homilia, Mons. André refletiu sobre a cura do paralítico (Mt 9,1-8), destacando que Cristo contempla não apenas a fé do enfermo, mas também a daqueles que o conduzem à Sua presença. Recordou, assim, que ninguém caminha sozinho na vida cristã: a Igreja é o Corpo de Cristo, onde

a oração, a intercessão e a caridade sustentam aqueles que já não conseguem carregar, por si mesmos, o peso de suas fraquezas.

O sacerdote ressaltou ainda que, antes de restaurar o corpo do paralítico, o Senhor cura sua enfermidade mais profunda ao dizer: "Tem bom ânimo, filho; os teus pecados estão perdoados." A verdadeira libertação começa pela reconciliação com Deus, que torna possível também a restauração da vida. Assim, o Evangelho recorda que Cristo continua chamando cada um de nós a levantar-se das próprias paralisias espirituais e a caminhar com esperança rumo à casa do Pai.



Domingo, 12 de Julho de 2026

ALMOÇO COMUNITÁRIO

Após a Divina Liturgia, a comunidade reuniu-se para um alegre almoço promovido pela AHSC, tendo como prato principal a tradicional tainha assada. O encontro fortaleceu os laços de amizade e comunhão, contando com a expressiva participação dos jovens, que homenagearam os presentes entoando os tropários de São Nicolau e de Santa Catarina de Alexandria, encerrando a tarde em clima de fraternidade e gratidão.



Vida Eclesial



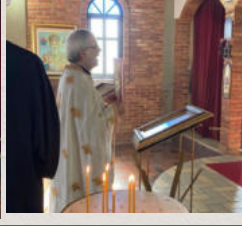
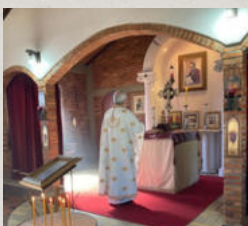
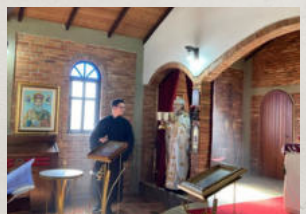
A Comunidade em Movimento



Sábado, 18 de Julho de 2026

VÉSPERA DOS SANTOS PADRES DE CALCEDÔNIA

Na manhã de sábado, 18 de julho, a comunidade da Igreja São João, o Teólogo, reuniu-se para a Divina Liturgia em antecipação ao Domingo dos Santos Padres do IV Concílio Ecuménico. Na homília, Mons. André recordou que os milagres contemplados nos Evangelhos dos domingos anteriores conduzem à grande profissão de fé de Calcedônia: Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. A celebração contou ainda com a presença de uma família romena, tornando visível a universalidade da Igreja ao rezar o Pai-Nosso também em língua romena.





Vida Eclesial



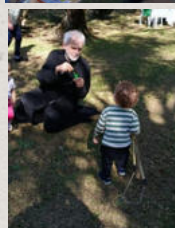
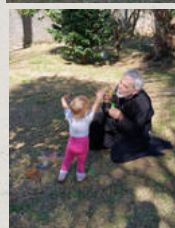
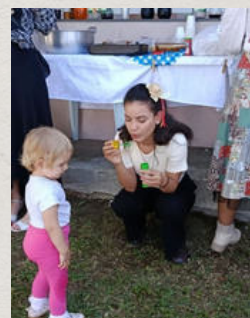
A Comunidade em Movimento



Sábado, 18 de Julho de 2026

SÃO JOÃO NA SÃO JOÃO

Após a Divina Liturgia de sábado, 18 de julho, a comunidade da Igreja São João, o Teólogo, reuniu-se para uma alegre confraternização com comidas típicas, música, brincadeiras e convivência fraterna. O encontro, preparado com a colaboração generosa de muitas pessoas, tornou-se uma bela expressão da vida comunitária, marcada pela amizade, pelo serviço e pela alegria de estarmos juntos como família em Cristo.





Vida Eclesial

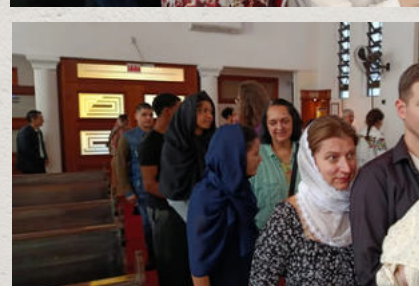


A Comunidade em Movimento



Domingo, 19 de Julho de 2026 "VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO"

No Domingo dos Santos Padres do IV Concílio Ecuménico, a comunidade reuniu-se para o Ofício de Matinas, seguido da Divina Liturgia. Antes das celebrações, diversos jovens receberam o Sacramento da Confissão, preparando-se para participar mais plenamente da vida eucarística. Na homília, Mons. André recordou o caminho espiritual dos Evangelhos dos domingos anteriores e destacou que a luz que resplandece nos cristãos não é própria, mas a própria luz de Cristo, refletida por aqueles que permanecem em comunhão com Ele. Após a Liturgia, os jovens reuniram-se para mais um encontro de convivência e partilha, fortalecendo os laços de amizade e sua participação na vida da comunidade.





Vida Eclesial



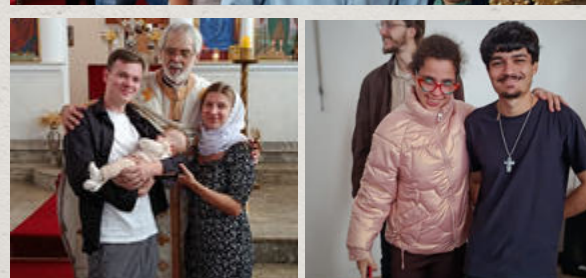
A Comunidade em Movimento



Domingo, 26 de Julho de 2026

A LÓGICA DO REINO

No VIII Domingo de Mateus, a comunidade reuniu-se para o Ofício de Matinas, seguido da Divina Liturgia. Antes das celebrações, Mons. André acolheu em Confissão diversos jovens da comunidade. Na homilia, refletiu sobre a multiplicação dos pães (Mt 14:14-22), recordando que a lógica do Reino transforma a escassez em abundância quando colocamos nossa vida nas mãos de Cristo. Ao final da Liturgia, a comunidade despediu-se, com emoção, de Tsimafei Sidarchuk e Darya Kotsikava e da pequena Nika, recentemente batizada em nossa igreja, que retornam à sua **Belarus**. A despedida recordou que, na Igreja, os laços da fé ultrapassam fronteiras e permanecem vivos na comunhão da oração e da Eucaristia.





QUANDO UM TALENTO SE TORNA OFERTA

Gabriel Machado Moreira e o ministério silencioso das PRÓSFORAS

Há algum tempo, **Gabriel Machado Moreira** procurou Mons. André com um desejo muito simples: saber de que forma poderia colocar seus talentos a serviço da Igreja. A resposta deu início a uma caminhada de descoberta, estudo e dedicação.

Antes de encontrar seu caminho na preparação das prósforas, Gabriel experimentou diferentes formas de servir à vida litúrgica da comunidade. Dedicou-se ao canto e pesquisou a antiga técnica bizantina de preparação do incenso, procurando discernir onde seus dons poderiam florescer. Foi, porém, na confecção das prósforas que encontrou sua verdadeira vocação de serviço.

Movido por esse propósito, aprofundou-se na história e no significado desse antigo costume da Igreja. Estudou a tradição litúrgica, reuniu os materiais necessários e passou a aperfeiçoar, com paciência e cuidado, a arte de preparar os pães que serão oferecidos na Divina Liturgia.

Seu interesse foi ainda mais longe. Pesquisando antigos modelos de selos litúrgicos, decidiu entalhar em madeira um selo inspirado em um desenho histórico, diferente daqueles mais frequentemente utilizados na atualidade. O resultado é uma bela peça artesanal que testemunha seu amor pela tradição ortodoxa e sua atenção aos detalhes.

Hoje, as prósforas preparadas por Gabriel são utilizadas regularmente na Paróquia São Nicolau e já serviram também nas celebrações de outras comunidades ortodoxas, entre elas a Paróquia São Savas, em Curitiba, a Paróquia Santos Apóstolos, em Porto Alegre, a Paróquia São João, o Teólogo, em São José, e a Comunidade Missionária São Nectários, em Jaraguá do Sul/Joinville.

Mais do que um trabalho artesanal, esse é um serviço profundamente litúrgico. Cada prósfora nasce da oração, da paciência e do desejo de oferecer a Deus o melhor das mãos humanas. É um ministério silencioso, quase sempre realizado longe dos olhos da assembleia, mas que participa diretamente da preparação do Mistério Eucarístico.

As fotografias destas páginas mostram Gabriel preparando as prósforas no salão paroquial de nossa igreja. Em cada gesto renova-se uma tradição recebida dos primeiros cristãos: oferecer ao Senhor os frutos do trabalho humano para que Ele os transforme em alimento de vida eterna e sinal da comunhão de toda a Igreja.





Segunda-feira, 27 de Julho de 2026

Paráklesis em honra de Santa Catarina de Alexandria é celebrada excepcionalmente na Igreja São Nicolau

Ausência temporária das relíquias na Capela Ecumênica levou a comunidade a celebrar o ofício na igreja paroquial

Na noite desta segunda-feira, 27 de julho, foi celebrado o segundo Ofício mensal da Paráklesis em honra de Santa Catarina de Alexandria, excepcionalmente na Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau, em Florianópolis.

A iniciativa, inaugurada no mês de julho, nasceu da colaboração entre a Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau e o Tribunal de Justiça de Santa Catarina, prevendo a celebração mensal da Paráklesis na Capela Ecumênica de Santa Catarina de Alexandria, sempre no dia 25 de cada mês, ou no primeiro dia útil subsequente quando a data coincide com um fim de semana.

Ao chegar à Capela Ecumênica para o início da celebração, constatou-se que as santas relíquias de Santa Catarina de Alexandria, ordinariamente expostas para a veneração dos fiéis, haviam sido temporariamente retiradas de seu nicho por motivos de segurança durante o período de férias do responsável por sua guarda.



Diante dessa circunstância excepcional, a comunidade dirigiu-se à Igreja São Nicolau, onde o ofício foi celebrado em clima de profundo recolhimento e oração, com veneração das santas relíquias ali conservadas.

Concedidas pelo Sacro Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai, as relíquias da padroeira de nosso Estado constituem um precioso testemunho da comunhão dos santos e fortalecem a devoção dos fiéis, sendo um elo espiritual entre a Igreja em Santa Catarina e o histórico mosteiro fundado no século VI.

Durante a celebração, elevaram-se preces pela Igreja, pelo Estado de Santa Catarina, pelo Poder Judiciário, por seus magistrados, servidores e colaboradores, bem como por todas as famílias e por aqueles que recorrem à intercessão de Santa Catarina.

Com a expectativa de que a situação esteja plenamente normalizada, a comunidade espera reunir-se novamente na Capela Ecumênica no próximo dia 25 de agosto, dando continuidade a essa iniciativa mensal de oração, fruto da colaboração entre a Igreja Ortodoxa Grega São Nicolau e o Tribunal de Justiça de Santa Catarina em favor da valorização do patrimônio espiritual, histórico e cultural representado pela Capela Ecumênica e pelas santas relíquias de Santa Catarina de Alexandria.





Filóptokos

Fé, serviço e memória viva

17 de julho de 2026

CARIDADE QUE SE FAZ PRESENÇA

Durante o mês de julho Lanche São Nicolau realiza duas missões de solidariedade junto a instituições de longa permanência para idosos da Grande Florianópolis.

A caridade cristã encontra sua expressão mais autêntica quando se transforma em presença. Foi esse o testemunho oferecido pelas Senhoras do Lanche São Nicolau (*Filóptokos*) durante o mês de julho, ao realizarem **duas missões de solidariedade** junto a instituições de longa permanência para idosos da Grande Florianópolis.



Na primeira visita, realizada em **17 de julho**, a Paróquia São Nicolau, por meio das Filóptokos, entregou **30 cestas de alimentos e outros donativos à Casa Santa Maria dos Anjos, em Palhoça, e ao Cantinho dos Idosos, em Ratones**. Mais do que a ajuda material, a tarde foi marcada pela convivência fraterna, pelas conversas, pelos sorrisos e pelo desejo sincero de levar conforto e esperança aos residentes. Igreja São Nicolau



21 de julho de 2026

Poucos dias depois, em **21 de julho**, uma nova equipe dirigiu-se à **Instituição de Longa Permanência Santa Clara**, onde foram entregues outras 10 cestas de alimentos. Após a acolhida das diretoras da casa, os voluntários visitaram os internos, reencontrando pessoas já conhecidas de visitas anteriores. A missão foi concluída com uma oração de bênção conduzida por Mons. André e a distribuição de pequenas cruzes, gesto simples que levou consolo e fortaleceu os vínculos de fraternidade entre a comunidade paroquial e os moradores da instituição. Igreja São Nicolau

As Filóptokos recordam, mês após mês, que a misericórdia não se limita à assistência material. Ela se manifesta no tempo oferecido, na escuta paciente, na visita que rompe a solidão e na certeza de que cada pessoa continua sendo amada e lembrada. É essa presença silenciosa e perseverante que faz florescer a esperança e torna visível, entre nós, o mandamento do amor ao próximo.

"Filóptokos" significa, literalmente, "amiga dos pobres". Na tradição da Igreja Ortodoxa, esse nome identifica a irmandade feminina dedicada às obras de caridade, unindo oração, serviço e cuidado concreto para com os irmãos mais necessitados.



Filóptokos



Fé, serviço e memória viva



CARIDADE QUE SE FAZ PRESENÇA

Durante o mês de julho, as Senhoras do Lanche São Nicolau (Filóptokos) realizaram mais uma missão de solidariedade, visitando três instituições de longa permanência para idosos da Grande Florianópolis. Ao todo, foram entregues 40 cestas de alimentos, mas, acima de tudo, tempo, escuta, oração e afeto.

A cada visita, renova-se a vocação das Filóptokos: tornar visível o amor de Cristo por meio da presença fraterna e do serviço aos irmãos mais necessitados.



OS PIONEIROS

Memórias da presença grega em Florianópolis



KASTELLORIZO
(MEGISTI)

Cada família guarda uma história.
Cada fotografia preserva um rosto, um nome e
uma vocação.



Nesta edição: Emílio Jannis • Comandante Constantino Jorge Lucas • Demétrio Constantino Lucas • Estefano Lambros • Basílio Constantinidis.

Kaló Mina prossegue o resgate da história dos primeiros imigrantes gregos que fincaram raízes em Florianópolis. Suas trajetórias de trabalho, fé e perseverança ajudaram a construir não apenas famílias e empresas, mas também a presença da Igreja Ortodoxa em Santa Catarina.

«Recordar os pioneiros é um ato de gratidão. Preservar sua memória é um compromisso com as futuras gerações».



UMA MEMÓRIA CONSTRUÍDA COM CUIDADO

Desde setembro de 2025, a seção Os Pioneiros vem procurando resgatar e tornar conhecidas as histórias daqueles que ajudaram a formar a comunidade helênica e ortodoxa de Florianópolis e de Santa Catarina.

Ao longo desse percurso, já revisitamos personagens e núcleos das famílias Lacerda, Savas, Christoval, Tselikis, Kotzias, Icônomos, Serratine, Haviaras, Pítsica-Apóstolo, Fermanis, Atherino, Diamantaras, Kalafatás, Constantinópulos, Komninos, Nicolakópulos e Athanásio. Cada uma dessas trajetórias permite reconhecer um pouco melhor as raízes, os vínculos e o legado daqueles que nos precederam.

Nosso principal ponto de partida é a grande obra de pesquisa legada pelo saudoso **Dr. Paschoal Apóstolo Pítsica**, cuja contribuição permanece fundamental para o conhecimento da presença grega em Santa Catarina. A fonte utilizada é sempre indicada em nossas publicações. Quando possível, procuramos complementar essas informações com documentos, fotografias, recordações e testemunhos familiares, submetendo o conteúdo à apreciação dos descendentes. Essa colaboração permite corrigir dados, esclarecer passagens e acrescentar pessoas das gerações posteriores que, pela própria delimitação histórica da obra original, nela não puderam ser contempladas. A reconstrução da memória, entretanto, é necessariamente gradual e incompleta. Nem todas as trajetórias registradas nas fontes poderão aparecer imediatamente nestas páginas. Em alguns casos, ainda não dispomos de informações complementares; em outros, não foi possível concluir, junto aos familiares, o processo de revisão e anuência para a publicação. Por respeito às pessoas envolvidas, essas histórias permanecerão ausentes enquanto não estiverem reunidas as condições adequadas para apresentá-las.

Tais ausências não diminuem a importância de ninguém em nossa história. Recordam-nos apenas que preservar a memória comunitária exige tempo, escuta, responsabilidade e respeito. Os Pioneiros continuará, assim, aberto à colaboração das famílias, acolhendo documentos, fotografias, correções e testemunhos que nos ajudem a transmitir às novas gerações uma memória cada vez mais ampla, fiel e viva.

É nesse espírito de continuidade que, nesta edição, *Os Pioneiros* volta seu olhar para as trajetórias de **Emílio Jannis**, do **Comandante Constantino Jorge Lucas**, de **Demétrio Constantino Lucas**, de **Estefano Lambros** e de **Basílio Constantinidis**. Suas histórias, embora singulares, entrelaçam-se na formação da comunidade helênica e ortodoxa de Florianópolis, revelando vínculos familiares, trabalho, liderança, serviço à Igreja e dedicação à preservação da herança recebida.

Ao recordá-los, acrescentamos novos capítulos a essa memória construída coletivamente — uma memória que permanece aberta à colaboração das famílias, acolhendo documentos, fotografias, correções e testemunhos que nos ajudem a transmiti-la, cada vez mais ampla, fiel e viva, às novas gerações.



COMANDANTE CONSTANTINO JORGE LUCAS

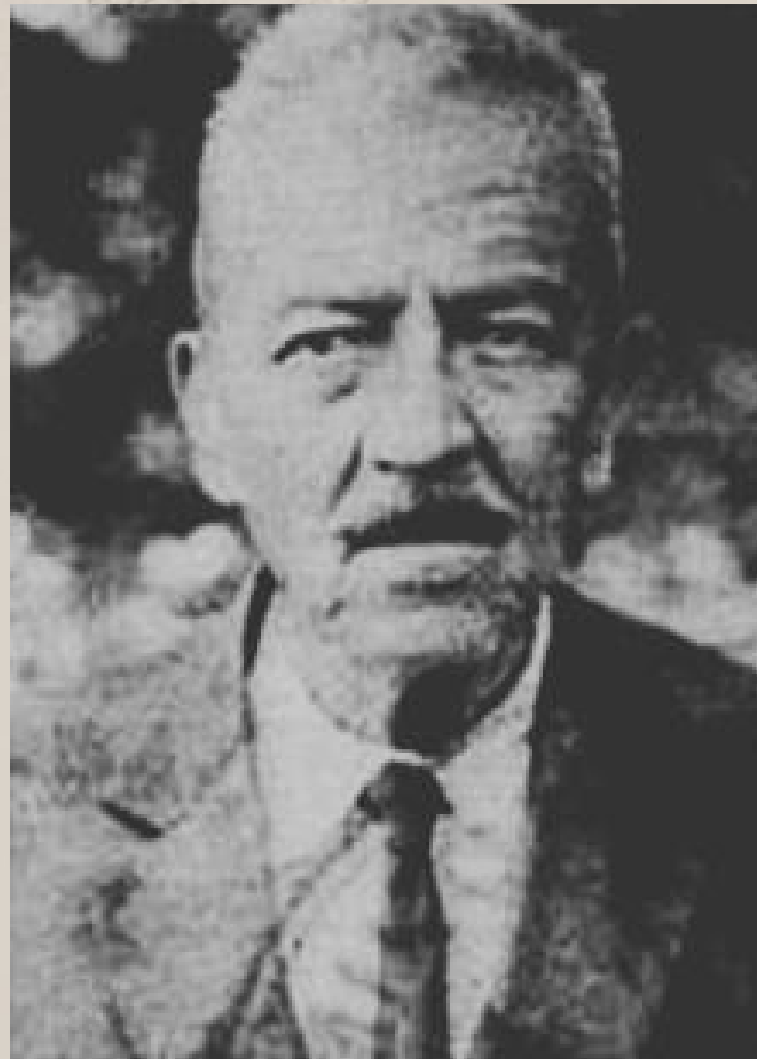
UMA VIDA ENTRE O MAR, A RESISTÊNCIA E A DIÁSPORA

Constantino Jorge Lucas nasceu em 1865, na ilha de **Kastelórizo**, transferindo-se posteriormente para **Rodes**. Filho de **Jorge Lucas** e **Cristina Pítsica**, construiu sua trajetória profissional no mar e ficou conhecido entre seus descendentes como **Comandante Lucas**.

Era portador da Carta Náutica de matrícula nº 595, expedida pela Marinha Mercante Italiana. O documento conservou o registro das viagens por ele realizadas entre 11 de março de 1921, quando tinha 56 anos, e 30 de abril de 1938, já aos 73 anos.

Ao longo desses 17 anos documentados de navegação, passou pelos portos de **Kastelórizo**, **Fenícia**, **Rodes**, **Alexandria**, **Salônica**, **Pireu**, **Chipre**, **Creta** e **Anatolia**. Suas viagens foram realizadas nos veleiros **Kastelórizo**, **Lord Byron** e **Fedra**, testemunhando uma vida profundamente ligada ao Mediterrâneo e às antigas rotas marítimas que conectavam suas ilhas, cidades e comunidades.

Sua história também foi marcada pela resistência. Em 1940, o Comandante Lucas foi detido pelo Exército Italiano por promover, em **Kastelórizo**, uma manifestação cívica contrária ao governo italiano que então dominava a ilha. Em consequência de sua atuação, esteve preso na ilha de **Lemnos**.



Veio para o Brasil em 1948, já com 83 anos, e faleceu em 1950, aos 85 anos.

Foi casado com **Sebasti Lucas**, com quem teve os filhos **Demétrio Lucas**, **Zafiró Lambros**, **Miguel Lucas** e **Cristina Kosmos**, além de outros filhos que permaneceram na Austrália.

A trajetória do Comandante Constantino Jorge Lucas atravessa mares, ilhas e continentes. Nela se entrelaçam a experiência da navegação, o amor pela terra natal, a coragem da resistência e os caminhos da diáspora grega. Sua memória permanece viva nos diferentes ramos da família que se estabeleceram no **Brasil** e na **Austrália**.



Os Pioneiros



Memórias da presença grega em Florianópolis



LEGENDA

1. Casamento de Felipe Constantino Lucas e Helena, na Grécia.
2. Casamento de Jorge Constantino Lucas, celebrado em 5 de fevereiro de 1933, na Igreja de São Constantino, em Kastelórizo. Acima dos noivos está Constantino Lucas, pai do noivo; à direita da noiva, Zafiró Lambros, irmã do noivo; e, à esquerda, com uma touca, Sebastião Lucas, mãe do noivo.
3. Miguel Constantino Lucas (à direita), filho do Comandante Lucas. Residiu durante algum tempo em Florianópolis antes de seguir para a Austrália, onde faleceu.
4. Constantino Jorge Lucas, fotografado na Grécia.
5. Sebastião Lucas, em uma de suas últimas fotografias, com o neto Demétrio Lambros.
6. Sebastião Lucas, esposa do Comandante Constantino Jorge Lucas..
7. Carta náutica do Comandante Constantino Jorge Lucas, de matrícula nº 595, expedida pela Marinha Mercante Italiana.



DEMÉTRIO CONSTANTINO LUCAS

COMPROMISSO COM A IGREJA E A COMUNIDADE

Demétrio Constantino Lucas nasceu em 10 de maio de 1905, na ilha de Kastelórizo. Filho do Comandante Constantino Jorge Lucas e de Sebasti Lucas, trouxe consigo a herança de uma família profundamente marcada pela experiência da diáspora grega.

Descrito como uma pessoa notável e de grande expressão na colônia grega de Florianópolis, Demétrio distinguiu-se por sua personalidade firme, sua formação e, sobretudo, por seu compromisso com a comunidade e com a Igreja Ortodoxa.

Em um período importante da organização da vida eclesial dos imigrantes gregos, assumiu a responsabilidade pelas despesas do imóvel que servia de sede à Igreja Grega. Foi ele quem firmou o contrato de locação de uma casa situada na Rua Felipe Schmidt, em frente às Casas Americanas, pertencente ao senhor Battistoti. No próprio documento, ficou expressamente registrado que o imóvel se destinava ao funcionamento da Igreja Ortodoxa.

Esse gesto revela mais do que uma contribuição financeira: testemunha a disposição de Demétrio em colocar seus recursos e sua responsabilidade pessoal a serviço da preservação da fé e da unidade da comunidade helênica.

Casou-se com Kyrana Jorge Atherino. O casal não teve filhos. Por seus vínculos familiares, Demétrio era cunhado de Kosmos Apóstolo e de Demétrio Lambros, integrando uma ampla rede de famílias que participaram ativamente da formação da comunidade grega de Florianópolis.

Demétrio faleceu em Florianópolis, em 19 de outubro de 1957, aos 52 anos. Embora não tenha deixado descendência direta, deixou uma memória estreitamente ligada aos primeiros esforços para oferecer à comunidade um lugar onde pudesse reunir-se, conservar sua tradição e celebrar a fé ortodoxa.





Os Pioneiros



Memórias da presença grega em Florianópolis



LEGENDA

1. (Página anterior) Demétrio Constantino Lucas, nascido em Kastelórizo em 10 de maio de 1905 e falecido em Florianópolis em 19 de outubro de 1957.
2. Kyrana Jorge Atherino e Demétrio Constantino Lucas.
3. Da esquerda para a direita: Antônio Apóstolo, Demétrio Lucas e Kosmos Apóstolo Comninos.
4. Demétrio Constantino Lucas, destacado membro da Colônia Grega de Florianópolis e benfeitor da Igreja Ortodoxa.
5. Da esquerda para a direita: Eudóquia Atherino Schmidt, Kyrana Atherino Lucas e Kyrana Atherino Lacerda.



ESTEFANO LAMBROS

EDUCADOR, FUNDADOR E SERVIDOR DA COMUNIDADE HELÊNICA

Estefano Lambros nasceu em 28 de março de 1910, em Soroni, na **ilha de Rodes, Grécia**. Primogênito de **Demétrios e Maria Lambros**, teve três irmãs: **Helena, Paraskevi e Déspina**.

Desde a juventude, dedicou-se à educação. Preparou-se para o magistério e exerceu as funções de professor primário e secundário na ilha de Rodes. Buscando ampliar sua formação, realizou também um curso de extensão em **Trieste, na Itália**.

Em 1937, casou-se com **Zafiró Lucas**, filha do **Comandante Constantino Jorge Lucas** e de **Sebasti Lucas**, conhecida familiarmente como **Tia Sasti**. O casal teve dois filhos: **Maria — Mery — Lambros**, que se casou com **Constantino Comninos**, e **Demério Lambros**, casado com **Regina Aragão**. A família cresceu com os netos **Constantino, Daphne e Hida Maria**; posteriormente, **Constantino Comninos Filho** casou-se com **Cláudia**, e dessa união nasceram **Felipe e Helena**.

Estefano chegou ao Brasil com sua família em 1948 e estabeleceu-se no comércio varejista em Florianópolis. Sua contribuição, entretanto, ultrapassou amplamente a vida profissional. Em 1954, **participou da fundação da Associação Helênica de Santa Catarina**, da qual também foi presidente, tornando-se uma das figuras importantes na organização e na preservação da vida cultural dos gregos estabelecidos no Estado.

Em 1960, transferiu-se para **Curitiba**. Ali voltou a colocar sua experiência a serviço da coletividade: **foi um dos fundadores da Associação Helênica do Paraná**, tornando-se seu terceiro presidente.

Sua dedicação à comunidade estava profundamente unida à **fé ortodoxa**. Participava assiduamente das celebrações da Igreja Ortodoxa Grega, exercendo a função de psáltis, e comemorava seu onomástico em 27 de dezembro, festa de Santo Estêvão.

Viúvo desde 1970, Estefano continuou colaborando ativamente na divulgação da cultura helênica. Escrevia artigos e ministrava aulas de língua grega tanto em Florianópolis quanto em Curitiba. Também se empenhou pessoalmente na transmissão dessa herança às novas gerações: viajou à Grécia com os três netos e acompanhou o aprendizado da língua e da cultura grega de suas netas **Daphne e Hida Maria**, na escola da ilha de Rodes, respectivamente em 1982 e 1988.

Estefano Lambros faleceu em Curitiba, em 19 de agosto de 1996. Sua morte foi acompanhada por numerosas manifestações de pesar e reconhecimento, vindas da família, dos amigos, das entidades helênicas, do Consulado Grego e até da imprensa de Kastelórizo.

Professor, psáltis, articulista e dirigente comunitário, Estefano fez da educação e do serviço os grandes eixos de sua vida. Em Florianópolis e em Curitiba, trabalhou para que a língua, a fé e a cultura recebidas de seus antepassados permanecessem vivas e fossem transmitidas às novas gerações. Seu amor pela pátria de origem encontrou expressão comovente no poema **“Terra Grega”**, recordado por sua família por ocasião de seu falecimento.



LEGENDA

1. Da esquerda para a direita: Estefano Lambros, Elefthérios Spyrides, Theodoro Nicolacópulos, Nicolau Apóstolo Pítsica, Miguel Mandalis, João Estefano Kotzias, Demétrio Lucas e Miguel Kotzias.
2. Estefano Lambros, professor, psáltis e dirigente comunitário, um dos fundadores da Associação Helênica de Santa Catarina.
3. Estefano Lambros e sua esposa, Zafiró Lucas Lambros. Zafiró era filha do Comandante Constantino Jorge Lucas e de Sebastião Lucas, conhecida familiarmente como Tia Sasti.
4. Zafiró Lucas Lambros, esposa de Estefano Lambros.



Os Pioneiros



Memórias da presença grega em Florianópolis



LEGENDA

1. Visita pastoral do Arcebispo das Américas, Dom Yákovos. Da esquerda para a direita: Padre Yósif; Moscópia e Anastácio Kotzias; o Arcebispo e seu assessor; professor Estefano Lambros; João Kotzias, jornalista de Joinville; Syriaco Diamantaras; Antônio Apóstolo, presidente da Associação Helênica; Evângelo Comninós; e Jean Jordanou.
2. Maria — Mery — Lambros Comninós, por ocasião de sua formatura, em Florianópolis, em 12 de dezembro de 1953.
3. Despedida de Maria — Mery — e Constantino Comninós no Aeroporto Hercílio Luz, em 1959, quando seguiam para a lua de mel. Na fotografia aparecem Sebastião Dimatos, Estefano Lambros, Cristina Kosmos, Zafiro Lambros, Demétrio Lambros, os noivos, dona Fedra, Afrodite e Kosmos Comninós, Tio Nico, Nádia e Constantino Dimatos; entre as crianças, Helena Kotzias, Demóstenes e Ana Dimatos.
4. Zafiro e Estefano Lambros, à direita, e o filho Demétrio, à esquerda, no casamento do sobrinho Apóstolo com Catarina. Também aparecem Kyrana Lucas, Cristina Kosmos, os noivos e Panayotis Nicolaou.



EMÍLIO JANNIS

CULTURA, TRABALHO E UM LEGADO FAMILIAR



Emílio Jannis nasceu em 29 de julho de 1900, em **Constantinopla**. Ainda muito jovem, estudou nos colégios da cidade, onde recebeu uma sólida formação. Em **1925**, aos 25 anos e ainda solteiro, veio para o Brasil.

Em 1929, casou-se com **Alcina Narciso**. Dessa união nasceram três filhos: **Ermy**, **João** e **Marlene**.

Homem culto e inteligente, Emílio falava turco, grego, alemão, francês e português. Possuía também uma respeitável biblioteca em língua francesa, que permaneceu com seus filhos — testemunho de seu apreço pelo conhecimento e pela formação intelectual.

Ao chegar a Florianópolis, adquiriu o **Restaurante Estrela**, ao qual acrescentou a expressão “**do Oriente**”, passando o estabelecimento a chamar-se **Restaurante Estrela do Oriente**. Posteriormente, dedicou-se ao trabalho em um escritório de representações.

Seu filho **Ermy Jannis** destacou-se na advocacia e tornou-se muito procurado pelos descendentes de gregos. Durante 14 anos, foi conselheiro da OAB/SC, ocupando também os cargos de secretário, tesoureiro e vice-presidente da Caixa dos Advogados. Participou, em diversas ocasiões, de bancas examinadoras de concursos para juízes de Direito promovidos pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina. Casou-se com **Inge Mathias Jannis**. O filho do casal, **Roberto**, seguiu a profissão do pai e tornou-se advogado; a filha **Scheila** casou-se com o deputado João Henrique Blasi.

O segundo filho de Emílio, **João Jannis**, tornou-se reconhecido cirurgião-dentista. Casou-se com **Laís Callado Jannis**, com quem teve três filhos: **João Júnior**, **Rodrigo** e **Ana**.

A filha **Marlene Adelino Jannis Cavalcanti**, por sua vez, casou-se com o engenheiro **Miguel Cavalcanti Filho**.

A trajetória de **Emílio Jannis** reúne cultura, iniciativa e dedicação ao trabalho. Por meio de seus filhos e descendentes, seu legado permaneceu presente na vida profissional e social de Santa Catarina, acrescentando mais um capítulo à história das famílias de origem grega estabelecidas em Florianópolis.





BASÍLIO CONSTANTINIDIS

COMÉRCIO, TRABALHO E PRESENÇA NO CORAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS

Basílio Constantinidis veio para o Brasil e residiu durante várias décadas no centro de Florianópolis. Na **esquina da Praça XV de Novembro com a Rua Fernando Machado**, mantinha o **Café Ri-Tim-Tim**, estabelecimento instalado no mesmo imóvel em cujo sobrado residia.

Foi Basílio quem convidou e trouxe para Florianópolis seu sobrinho **Emílio Jannis**, também natural de Constantinopla, cuja trajetória abre o conjunto de perfis desta edição. Esse vínculo familiar contribuiu para ampliar a presença da família na capital catarinense.

Além da atividade comercial no centro da cidade, Basílio dedicou-se ao beneficiamento e à comercialização de pescado. Foi proprietário de quatro estabelecimentos de salga, localizados em Ponta das Canas, Ingleses, Ganchos e Armação. Adquiria os peixes, realizava sua salga e acondicionamento em caixas e destinava o produto ao comércio do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Era casado com **dona Ana**, recordada como uma mulher notável, expansiva e comunicativa, que conquistou a estima de toda a colônia grega. Basílio, por sua vez, é descrito pelos antigos membros da comunidade como um homem mais reservado e de poucas palavras.

O casal não teve filhos. Ambos faleceram e foram sepultados em Florianópolis, no jazigo da família Jannis.

A memória de Basílio Constantinidis permanece ligada tanto à vida cotidiana do antigo centro de Florianópolis, por meio do **Café Ri-Tim-Tim**, quanto ao desenvolvimento da atividade pesqueira no litoral catarinense. Ao lado de **dona Ana**, integrou a geração de imigrantes que, pelo trabalho, pelos vínculos familiares e pela convivência comunitária, ajudou a construir a história da presença grega em Santa Catarina.



FONTE E NOTA EDITORIAL

Os dados históricos e biográficos apresentados nesta seção foram extraídos da obra do saudoso Dr. Paschoal Apóstolo Pítsica, *Memória visual da colônia grega de Florianópolis* (p. 126–134), e adaptados ao formato editorial do Kaló Mina. Sempre que possível, os textos são submetidos à apreciação dos familiares, a fim de confirmar informações, corrigir eventuais imprecisões e acrescentar dados e pessoas não contemplados no período abrangido pela obra original



NOSSA MEMÓRIA CONTINUA SENDO ESCRITA

Entre as muitas iniciativas de preservação da história da comunidade grega em Santa Catarina, uma merece destaque especial: a reconstrução de nossa **árvore genealógica**.

Graças ao paciente trabalho de pesquisa realizado ao longo de muitos anos pelo **Sr. Alceu Neves** e, mais recentemente, ao processo de organização, revisão e estruturação dos dados com o apoio da **inteligência artificial Codex**, foi possível reunir em uma nova plataforma os muitos registros recolhidos sobre famílias gregas estabelecidas em nosso Estado.

Hoje, a árvore "**Gregos Florianópolis — Revisão**" já reúne quase duas centenas de pessoas e continua crescendo. Mais do que um arquivo de nomes e datas, ela preserva histórias, vínculos familiares e parte da memória da imigração grega em Santa Catarina.

Mas este trabalho está longe de estar concluído.

Convidamos todos aqueles que possuam fotografias antigas, documentos, certidões, datas, informações sobre parentes ou correções de registros a colaborar conosco. Cada informação acrescentada ajuda a tornar esse patrimônio histórico mais completo e confiável para as futuras gerações.

A memória de uma comunidade é construída por muitas mãos.

Acesse a árvore genealógica, conheça o projeto e participe:

genealogia.igrejasaonicolau.org

PRESIDENTE (2025-2027)



OS BRINCOS

(Τὰ σκουλαρίκια)

CHRISTINA EFSTRATIOU

*Brinque, minha Zapéta.
Brinque enquanto o seu coração
ainda desejar.*

No início do século passado — e mesmo antes disso — naquele pequeno pedaço de terra banhado pelas águas do Mediterrâneo, chamado Kastellorizo, a vida seguia o ritmo simples e laborioso das ilhas gregas. Ali, os homens do mar partiam em navios mercantes, pescavam, comerciavam e navegavam para terras distantes. A ilha era pequena, mas o coração de seus habitantes parecia grande o suficiente para abraçar o mundo.

— Zapéta, minha filha, venha comigo. Vou à casa de tia Asimína para que ela fure também as suas orelhas e terminemos de uma vez com essa história. Assim você poderá usar brincos, como todas as meninas.

— Já falamos e tornamos a falar: não quero usar brincos. Não quero! — respondia Zapéta, mal-humorada.

A avó, porém, não lhe deu ouvidos. Com um gesto decidido, tirou do bolso da saia um par de brincos guardado em seu estojo. Eram novinhos, de ouro, brilhantes, e no centro de cada um resplandecia uma pedra grande como um diamante.

Curiosa, apesar de si mesma, Zapéta tomou o pequeno estojo. Fascinada pela beleza da joia, começou a sorrir para a avó. Encorajada, esta a segurou pelo braço enquanto seguiam caminho:



— Ora, minha filha! Como poderá se tornar uma noiva sem usar brincos?

Moças e mulheres de todas as idades já haviam atravessado a soleira da casa de tia Asimína. Suas mãos haviam adquirido extraordinária destreza e rapidez naquele trabalho. Ela sempre procurava tranquilizá-las

— Você não sentirá absolutamente nada!

Entretanto, para falar a verdade, não deixava de ser uma pequena operação. Era preciso fazer seis perfurações, duas delas na cartilagem, para que, mais tarde, quando as jovens “saíssem para o mundo” — isto é, quando se casassem —, pudessem usar aqueles compridos brincos de liras e pequenas moedas de ouro, dispostos em duas fileiras.

— Agora leve também nossa vasilha de azeite, que está furada e vazando. Passaremos na oficina de Konstantínos para que ele a solde. Levaremos ainda nossa grande lanterna, para que substitua o vidro quebrado. As noites já estão ficando mais longas, e o Sarantámero, os quarenta dias que precedem o Natal, logo começará.

Konstantínos era um homem de meia-idade, um pouco áspero e sempre pronto a se irritar. Surdo e mudo, possuía, contudo, uma inteligência muito viva. Bastava abrir a boca e fazer dois ou três movimentos com as mãos e os dedos para que todos compreendessem rapidamente o que desejava dizer.

Durante a ocupação francesa, na época das “canhonadas”, ele havia composto uma longa rima, quase uma canção épica, cheia de sentido e de versos que narravam os acontecimentos daqueles dias. A composição passou de boca em boca, cantada pelo povo. É uma pena que não tenha sido preservada, pois conservaria, com autenticidade, a memória daquela época pela voz de um verdadeiro cantor popular.

Ao ver Zapéta triste, emburrada e chorosa, Konstantínos perguntou rapidamente, movendo a mão como quem formula uma pergunta. Quando compreendeu aonde a avó pretendia levá-la, exaltou-se.

Por gestos e diferentes murmúrios, fez a velha entender que somente as turcas usavam aqueles brincos e que as gregas eram diferentes.

— Ela não quer usar brincos? Pois faz muito bem! — parecia dizer.

Mas quem seria capaz de mudar a opinião da avó?

— Misericórdia, meu Deus! Como poderá crescer, tornar-se noiva e não usar brincos? Sobretudo aqueles compridos, de duas fileiras!

Seguiram diretamente para a casa de tia Asimína. Ela não ficava distante da oficina de lanternas de Konstantínos: eram apenas alguns degraus, em frente à casa do padre Yánnis Siderís.

Tudo já havia sido combinado. Tia Asimína estendera suas almofadas no canto da sala, onde costumava receber as mulheres sentadas de pernas cruzadas.

Zapéta já havia crescido bastante. Tinha passado dos doze anos e, de alguma maneira, respeitou a velha senhora quando esta lhe pediu que apoiasse a cabeça sobre seus joelhos cruzados, repetindo a conhecida promessa:

— Você verá: não sentirá nada.

Zapéta fechou os olhos e esperou, apertando os dentes. A agulha perfurou suas orelhas e, ao contrário do que lhe haviam prometido, doeu. Ela chorou, gritou, e o sangue correu de suas orelhas.

Tia Asimína passou imediatamente pequenos cordões grossos pelos furos, que deveriam permanecer ali até que as feridas cicatrizassem. Depois, levantou-se e trouxe à menina uma tsáska de bahári — uma pequena xícara de bebida aromática de pimenta-da-jamaica, que costumavam oferecer a quem havia sofrido um grande susto, para acalmá-lo.

Dolorida, mas também contente, Zapéta logo adormeceu sobre uma daquelas almofadas. Foi um sono restaurador, quase medicinal.



Enquanto permaneceram sozinhas, as duas mulheres aproveitaram a recusa de Zapéta em usar os brincos para conversar sobre sua própria condição. Do íntimo de ambas irrompeu o mesmo lamento:

— Ah! Por que o Todo-Poderoso nos fez mulheres?

— Desde o nascimento, não conhecemos outra coisa senão isto: somos meninas. E as meninas não falam, não saem de casa, não vão à igreja; as meninas devem fazer isto, não podem fazer aquilo... Somente proibições e ameaças! Entretanto, pelo que sei do que leio — dizia tia Asimína, que gostava de ler —, Deus não faz distinção alguma entre suas criaturas. Todos, se quiserem, podem tornar-se semelhantes a Ele. O que você acha, minha Katerína? Talvez, um dia, as pessoas compreendam melhor essas coisas. Você não viu, anteontem, aquela ave de ferro que passou pelo nosso céu?

Era o primeiro avião que a ilha via passar sobre seu céu, por volta de 1912 ou 1913.

— Não será uma daquelas aves de ferro de que fala o Apocalipse?

— Quem pode saber? Tudo vai recebendo luz, e todos os mistérios vão sendo pouco a pouco desvendados — respondeu tia Asimína, profeticamente.

Depois, aproximou-se da menina:

— Vamos, minha Zapéta, levante-se! Guarde bem os seus brincos. Daqui a uma semana você os colocará e ficará linda. Venha, já está na hora de irmos embora.

Um pouco mais acima, pelos mesmos degraus, ficava a loja de miudezas de Kótsos. Ali se vendiam linhas, sedas e fios de algodão, além de cadernos e materiais escolares.

Principalmente à tarde, quando terminavam as aulas, as crianças entravam no estabelecimento em pequenos bandos: umas procuravam cadernos; outras, telas e fios para bordado; algumas, mais caprichosas, queriam aqueles tinteiros de vidro ou de metal que podiam ser virados de cabeça para baixo sem derramar uma única gota de tinta.

Depois de guardar as compras em suas bolsas escolares, as crianças desciam alegremente a rua em direção às suas casas.

Foi ali que a avó levou Zapéta, para consolá-la. Disse-lhe que poderia escolher pessoalmente um pequeno presente.

A menina já havia deixado a escola. Tinha doze anos. O que poderia escolher?

Seus olhos se voltaram para uma boneca grande e bonita que Kótsos mantinha pendurada bem no alto, dentro de sua caixa.

— Vovó, você não me disse que eu poderia escolher o que quisesse? Eu quero aquela boneca! Você a compra para mim?

— Minha Zapéta, pensei que escolheria algum pedaço de cetim para aprender também a bordar. Mas você quer a boneca... Ainda quer brincar...

Depois de alguns momentos de silêncio, a avó falou como quem acabava de despertar de um sono:

— Sim, minha Zapéta, claro que pode levá-la. Leve-a para brincar um pouco mais. E, se gostar daquele pequeno baú para guardar as roupinhas dela, levaremos também.

E concluiu:

— Brinque, minha Zapéta. Brinque enquanto o seu coração ainda desejar.

Fonte — EFSTRATIADOU, Christina D. “Τὰ σκουλαρίκια” [Os brincos]. In: Αφηγήματα και ιστορήματα του Καστελλορίζου [Narrativas e histórias de Kastellórizo]. Livro B, série Biblioteca Kastelloriziana, n. 4. Atenas: Sigma EPE, 1987, p. 35–36. Edição da Associação dos Kastellorizianos de Todo o Mundo “São Constantino”. Tradução do grego e adaptação editorial para o Kaló Mina.

Fonte — EFSTRATIADOU, Christina D. “Τὰ σκουλαρίκια” [Os brincos]. In: Αφηγήματα και ιστορήματα του Καστελλορίζου [Narrativas e histórias de Kastellórizo]. Livro B. Atenas: Sigma EPE, 1987, p. 35–36. Tradução do grego e adaptação editorial para o Kaló Mina.

Referência bibliográfica: [registro da obra no Palaio vivliopoleio Níkos Chrysós](#).



Receitas do *Kalimera*



Sabores gregos para aquecer a mesa

Revitháda & Fanourópita, o bolo de São Fanúrios

REVITHÁDA (ΡΕΒΙΘ'ΑΔΑ)

A sopa de grão-de-bico que aquece a mesa do jejum

A revitháda é uma das receitas mais tradicionais da ilha grega de Sifnos, nas Cíclades. Preparada apenas com grão-de-bico, cebola, azeite e ervas aromáticas, cozinha lentamente até adquirir um caldo espesso e extremamente saboroso.

Antigamente, as famílias levavam suas panelas de barro ao forno comunitário no sábado à noite. Depois da Divina Liturgia de domingo, recolhiam-nas para o almoço em família. A longa cocção transformava ingredientes simples numa refeição nutritiva e acolhedora.

Durante o Jejum da Dormição, a revitháda recorda que a mesa do jejum não é uma mesa de privações, mas de simplicidade, gratidão e partilha.

Ingredientes

- 500 g de grão-de-bico
- 3 cebolas
- 120 ml de azeite
- 2 folhas de louro
- sal e pimenta
- água fervente
- suco de 1 limão

Modo de preparo

Deixe o grão-de-bico de molho durante a noite. Reúna todos os ingredientes numa panela que possa ir ao forno, cubra com água fervente e asse lentamente, tampado, a 170 °C, por cerca de 3 horas. Finalize com suco de limão e sirva bem quente com pão rústico e salada.



FANOURÓPITA (ΦΑΝΟΥΡ'ΟΠΙΤΑ)

O bolo preparado em honra de São Fanúrios

No dia 27 de agosto, a Igreja celebra São Fanúrios, muito querido pela tradição grega. Em ação de graças e oração, prepara-se a fanourópita, um bolo próprio para o jejum, levado à igreja para ser abençoado e depois repartido entre familiares, amigos e necessitados.

Segundo um costume difundido na Grécia, a receita utiliza sete ou nove ingredientes, simbolizando a simplicidade da oferta e a alegria da partilha.

Ingredientes principais

- farinha
- açúcar
- suco e raspas de laranja
- óleo
- canela
- cravo
- uvas-passas
- nozes

Modo de preparo

Misture os ingredientes líquidos, acrescente os secos e, por último, as passas e as nozes. Asse a 180 °C por aproximadamente 45 minutos. Depois de frio, o bolo pode ser levado inteiro à igreja para a bênção e repartido entre os presentes.

À MESA DO JEJUM

A culinária ortodoxa dos períodos de jejum não procura apenas substituir ingredientes, mas recordar que a simplicidade também pode ser festiva.

Legumes, grãos, azeite, frutas, ervas e pães ocupam lugar de destaque numa tradição culinária que une hospitalidade, gratidão e partilha.

Assim, tanto a revitháda quanto a fanourópita recordam que cozinhar é também um gesto de comunhão. A primeira aquece a mesa durante o jejum; a segunda transforma uma oração em alimento repartido entre irmãos.

Você sabia



Na tradição popular grega, muitos preparam a fanourópita pedindo a intercessão de São Fanúrios para que Deus lhes mostre um caminho, revele uma solução ou os ajude a reencontrar algo perdido. Mais do que uma antiga devoção, esse costume convida cada cristão a perguntar: o que precisa ser reencontrado dentro de mim?



“ Na Grécia, muitas famílias continuam preparando a revitháda em panelas de barro, respeitando o lento cozimento que faz dessa receita um símbolo da mesa simples e acolhedora dos dias de jejum.





A Parábola do Mês



A Comunidade em Movimento

ENQUANTO HOUVER UMA QUINTA-FEIRA...

Existem histórias cuja beleza não depende de sabermos se aconteceram exatamente como são narradas. Permanecem vivas porque exprimem uma verdade profundamente humana e espiritual.

Conta-se que, em uma cidade da Romênia, um professor aposentado, sentindo falta da alegria de ensinar, resolveu abrir, uma vez por semana, uma sala de aula destinada exclusivamente a pessoas idosas. Não havia matrículas, mensalidades, provas ou diplomas. Bastavam a curiosidade, a vontade de aprender e o desejo de encontrar outras pessoas que também acreditassem que nunca é tarde para crescer.

As semanas passaram, e aquele pequeno grupo deixou de ser apenas uma classe. Tornou-se uma comunidade. Ali se estudava história, literatura, arte, ciência, filosofia e tecnologia. Mas aprendia-se, sobretudo, algo ainda mais importante: a redescobrir a alegria da convivência.

Alguns viviam sozinhos. Outros já haviam perdido o hábito de sair de casa. Pouco a pouco, começaram a telefonar uns para os outros, a trocar livros, a celebrar aniversários e a preocupar-se quando alguém faltava ao encontro semanal.

Aquela sala de aula ensinava muito mais do que conhecimentos. Ela devolvia às pessoas um sentimento essencial: o de pertencer.

Essa narrativa nos recorda uma verdade frequentemente esquecida pela sociedade contemporânea. O envelhecimento não diminui a dignidade da pessoa nem extingue sua capacidade de aprender, sonhar ou servir. Enquanto existir um coração disposto a perguntar, haverá também espaço para o crescimento.

A tradição cristã sempre compreendeu que o verdadeiro conhecimento não consiste apenas em acumular informações, mas em deixar-se transformar pela verdade. Os santos Padres jamais separaram o saber da sabedoria, nem a inteligência da vida espiritual. Aprender é, antes de tudo, abrir-se continuamente à ação de Deus, reconhecendo que permanecemos discípulos durante toda a vida.

Talvez por isso uma das perguntas mais belas dessa história seja também a mais simples:

O que você aprendeu esta semana?"

Não importa a idade. Todos nós podemos responder a essa pergunta. Todos podemos descobrir algo novo na criação de Deus, compreender melhor um irmão, cultivar uma virtude, vencer um pequeno egoísmo, aprender uma nova habilidade ou contemplar, com maior profundidade, o mistério da vida.

Uma sociedade verdadeiramente humana não mede o valor das pessoas pela produtividade, mas pela capacidade de amar, de transmitir esperança e de permanecer aberta ao crescimento. Os idosos não pertencem ao passado. São memória viva, testemunhas da fidelidade de Deus e companheiros indispensáveis das novas gerações.

Que jamais percamos o entusiasmo de aprender. Enquanto houver um livro a ser aberto, uma conversa a ser partilhada, uma oração a ser aprofundada, um irmão a ser escutado e um novo dia concedido por Deus, sempre haverá razões para levantar-se com alegria.

Porque a juventude do espírito não se mede pelos anos, mas pela capacidade de continuar buscando a verdade, acolhendo a beleza e caminhando na esperança.



OUTRA ODISSEIA

Após meses de divulgação em diversas mídias, foi lançado há poucas semanas o filme *A Odisseia*, do diretor **Christopher Nolan**, que teve um orçamento informado de 250 milhões de dólares e detém o título de ser o primeiro longa-metragem filmado totalmente com câmeras IMAX — ou imagem máxima. *A Odisseia* — assim como a *Ilíada* — é a maior obra literária já escrita, e o fato de ser rodada uma nova versão utilizando o aporte tecnológico do momento não deveria ser surpresa.

Esse poema épico, num certo sentido, é o primeiro livro de aventuras que se tem notícia e a base de todos os outros que virão depois. Temos ali as aventuras e desventuras de Odisseu, o rei de Ítaca, em sua volta para casa, após a guerra de Tróia que foi motivada para restituir Helena ao marido Menelau, rei de Esparta. A viagem, cercada de dificuldades e perdas humanas, durou dez anos — somado à duração da guerra, Odisseu ficou vinte anos ausente de sua ilha. Durante esse período, sua mulher, Penélope, é constantemente perturbada por pretendentes que visam espoliar os seus bens; as investidas vão gradualmente dilapidando o patrimônio e instalando o caos em seu lar. Sagaz como o marido, Penélope utiliza de artimanha para ludibriar os interesseiros e vai equilibrando as tensões na casa — aceitará um novo casamento somente após tecer uma mortalha para o sogro, a qual nunca conclui. A sua espera é ao mesmo tempo um ato de fé e um exemplo de fortaleza.

Os infortúnios atravessados por Odisseu — que desde a *Ilíada* é caracterizado como um tipo ardiloso — são necessários para regenerá-lo interiormente, transformando-o num novo homem. Quando logra retornar ao lar, descobre que sua mulher foi feita refém de aproveitadores que humilham seu filho Telêmaco e os servos. Mas a deusa Atena tem um plano para a sua volta triunfante, ela o transforma num velho decrepito que não será reconhecido por ninguém, exceto pelo filho, o cão Argos e a serva Euricleia. Mais tarde, quando Penélope propõe um jogo, no qual o vencedor irá desposá-la, surge Odisseu disparando flechas que fulminam todos os comensais.

O resultado é a restauração da ordem em seu reino.

Obras como, por exemplo, *Dom Quixote* de Cervantes, *Mercador de Veneza* de Shakespeare, *Guerra e Paz* de Tolstói e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis. Todas elas, tendo atravessado mais de um século desde a sua publicação, aparentam ser melhor adaptáveis para o cinema e outros formatos de arte.

Já a *Odisseia* apresenta complexidades próprias, começando pela força da linguagem. A epopeia de **Homero** é antes uma criação poética de proporções épicas, onde elementos de eras da civilização grega se mesclam a padrões iniciáticos para conceber um mundo por vezes além do humano, em que deuses e mortais mantêm contatos oscilantes que vão de adoração a antagonismo.

Portanto, não se pode esperar que essa nova adaptação, por mais portentosa que seja, consiga abarcar e transmitir todas as camadas e sutilezas dos vinte e quatro cantos do poema homérico. Como bem pontuou o primeiro-ministro da Grécia, **Kyriakos Mitsotakis**, ao parabenizar **Christopher Nolan** pelo trabalho, “*Produções como essa são um elo entre o rico patrimônio cultural grego e a criatividade contemporânea.*”

Por aqui, espero que a curiosidade despertada pelas polêmicas em torno do filme sirva de incentivo para a leitura dessa obra milenar. *That's all.*

“Lá jazia o cão, Argo, cheio de carrapato. E então, quando percebeu Odisseu próximo, ele abanou o rabo, deixou cair as duas orelhas e depois não conseguiu mais perto de seu mestre chegar. E ele, olhando para longe, secou as lágrimas,... Quanto a Argo, apanhou-o o destino da negra morte assim que viu Odisseu no vigésimo ano.”

Canto XVII, tradução de Christian Werner

Henrique Verçoza

Entrelinhas é a coluna mensal de H. M. Verçoza, autor do livro *As Histórias que ouvi de um psicanalista*, Vice-presidente da Associação Helênica de Santa Catarina.



UMA PEREGRINAÇÃO AO CORAÇÃO DA TRADIÇÃO

Tomás (Ricardo) d Maes

A convite do Padre André, compartilho um pouco da experiência vivida durante minha recente peregrinação a alguns dos lugares mais sagrados da Ortodoxia.

Antes de tudo, agradeço-lhe pela bênção e pelo incentivo que me concedeu desde o momento em que lhe falei dessa viagem. Resolvi, porém, narrá-la de maneira um pouco diferente: começando pelo fim e caminhando de volta ao início.

Nos últimos dias da peregrinação, visitei a **Catedral Patriarcal de São Jorge**, sede do **Patriarcado Ecumênico de Constantinopla**; a histórica **Escola Teológica de Halki**, na Turquia; **Tessalônica**, onde pude venerar a igreja construída sobre o local do martírio do **Santo Megalomártir Demétrio**; e a **Catedral Metropolitana de São Gregório Palamas**, que conserva as relíquias desse grande mestre do hesicasmo. Recebi ainda a graça de permanecer por dois dias no **Monte Athos**, o Santo Monte, experimentando, ainda que brevemente, a vida do **Sagrado Jardim da Mãe de Deus**.

Em Athos, o tempo parece adquirir outro ritmo. Mesmo numa permanência tão breve, é impossível não ser tocado pelo silêncio, pela oração e pela continuidade de uma tradição preservada há mais de mil anos. Permanecem gravadas na memória a veneração do ícone da **Axion Estin**, em Karyes, da **Panagia Paramythia**, no Mosteiro de Vatopedi, de tantos outros santos ícones e das preciosas relíquias de santos como Lucas, Jorge, Cosme e Damião.

Curiosamente, entre tantas riquezas espirituais, uma imagem ficou profundamente gravada em meu coração: o antigo **cipreste do Mosteiro da Grande Lavra**, que a tradição atribui ao próprio **São Atanásio do Monte Athos**. Sua presença silenciosa, atravessando mais de um milênio, tornou-se para mim um símbolo da própria Igreja: enraizada na fé apostólica, permanecendo viva através dos séculos e oferecendo sombra, firmeza e esperança às sucessivas gerações de cristãos.

Outro momento marcante foi a visita à **Escola Teológica de Halki**. Embora permaneça fechada como seminário há cerca de cinquenta anos, seu ambiente conserva viva a memória da formação de tantos hierarcas, teólogos e pastores da Igreja. Percorrer seus corredores é perceber que a Tradição não pertence apenas ao passado; ela continua presente na oração, na memória e no testemunho daqueles que a receberam e a transmitiram.

Como comecei pelo fim, termino pelo início.

Na Catedral Patriarcal de São Jorge, tive a alegria de participar das Vésperas do dia 20 de julho, presididas por **Sua Santidade, o Patriarca Ecumênico Bartolomeu**. Ao término da celebração, Sua Santidade dirigiu algumas palavras aos fiéis, refletindo sobre os desafios do cristianismo em nosso tempo e concedendo sua bênção aos presentes.



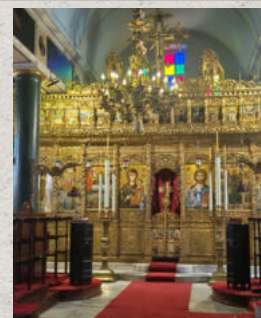
Talvez seja justamente por isso que escolhi contar esta peregrinação de trás para diante. É difícil imaginar que uma viagem iniciada sob tamanha bênção pudesse terminar de outra forma. Ao regressar para casa, compreendi que a verdadeira peregrinação não termina quando voltamos. Ela continua silenciosamente dentro de nós, renovando a fé, fortalecendo a esperança e recordando que a Tradição da Igreja permanece viva na oração, na memória dos santos e no testemunho daqueles que continuam buscando viver o Evangelho.



Pelos Caminhos da Ortodoxia

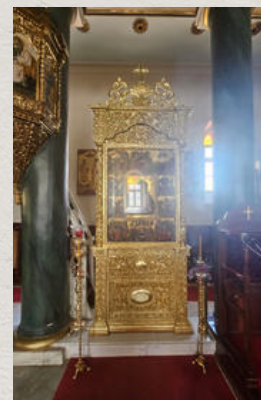


Relatos de peregrinações, viagens e encontros que aproximam nossos leitores dos lugares santos e da vida da Igreja.



PELOS CAMINHOS DA ORTODOXIA

Durante o mês de julho, Thomas peregrinou por alguns dos mais importantes centros da Ortodoxia: o Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, a Escola Teológica de Halki, Tessalônica e o Santo Monte Athos. Mais do que visitar lugares históricos, experimentou a continuidade viva da Tradição da Igreja e descobriu que a verdadeira peregrinação prossegue no coração de quem retorna fortalecido na fé.





AGENDA LITÚRGICO-PASTORAL AGO-2026



DIA	DOMINGO / FESTA	OFÍCIOS DIVINOS	
2	9º Domingo de Mateus	09h00: Ofício de Matinas (Orthros) 10h00: DIVINA LITURGIA	Matinas: Jo 20,19-31 Epístola: 1Cor 3,9-17 Evangelho: Mt 14,22-34
6	Transfiguração de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo	10h00: Ofício de Matinas (Orthros) 11h00: DIVINA LITURGIA	Matinas: Lc 9,28-36 Epístola: 2Pd 1,30-19 Evangelho: Mt 17,1-9
9	10º Domingo de Mateus	10h00: Ofício de Matinas (Orthros) 11h00: DIVINA LITURGIA	Matinas: Jo 21,1-14 Epístola: 1Cor 4,9-16 Evangelho: Mt 17,14-23
15	Dormição de nossa Ssm. Senhora, a Theotokos e Sempre Virgem Maria	10h00: Ofício de Matinas (Orthros) 11h00: DIVINA LITURGIA	Matinas: Lc 1,39-49,56 Epístola: Fl 2,5-11 Evangelho: Lc 10,38-42; 11,27-28
16	11º Domingo de Mateus	10h00: Ofício de Matinas (Orthros) 11h00: DIVINA LITURGIA	Matinas: Jo 21,14-25 Epístola: 1Cor 9,2-12 Evangelho: Mt 18,23-35
23	12º Domingo de Mateus	10h00: Ofício de Matinas (Orthros) 11h00: DIVINA LITURGIA	Matinas: Mt 28,16-20 Epístola: 1Cor 15,1-11 Evangelho: Mt 19,16-26
30	13º Domingo de Mateus	10h00: Ofício de Matinas (Orthros) 11h00: DIVINA LITURGIA	Matinas: Mc 16,1-8 Epístola: 1Cor 16,13-24 Evangelho: Mt 21,33-44